

# ESTUDOS FITOGEOGRÁFICOS DE PERNAMBUCO

DÁRDANO DE ANDRADE LIMA  
"in memoriam"

---

## Nota do Editor

O trabalho "Estudos Fitogeográficos de Pernambuco" é um dos mais valiosos do rico acervo científico produzido pelo Prof. Dárdano de Andrade Lima. Praticamente impossível de ser conseguida uma cópia original, este magnífico trabalho é reeditado para que as importantes observações publicadas voltem para a comunidade científica.

## RESUMO

### ESTUDOS FITOGEOGRÁFICOS DE PERNAMBUCO

O autor apresenta um breve estudo da Fitogeografia de Pernambuco, dividindo o Estado em quatro zonas: litoral, mata, caatinga e savana. A zona do litoral é subdividida nas subzonas: marítima, praia, restinga e terraços litorâneos e mangues. A zona da mata inclui as subzonas: mata úmida, mata seca e mata serrana. A zona da caatinga compreende as subzonas: agreste e sertão. O sertão é ainda subdividido em cinco regiões: sertão central, sertão dos chapadões areníticos, sertão do São Francisco, sertão de Jatinã e sertão do Araripe. A última zona, das savanas tem duas subzonas: tabuleiros e agrestes do Araripe. Para todas essas zonas, subzonas e regiões o autor lista as espécies mais características e informações gerais.

**Termos para indexação:** fitogeografia, Pernambuco, litoral, mata, caatinga, savana.

## ABSTRACT

### PHYTOGEOGRAPHIC STUDIES OF PERNAMBUCO

The Author presents a brief study of the phytogeography of Pernambuco. He divides the state into four phytogeographic zones: littoral, forest, caatinga and savanna. The first zone (littoral) is sub-divided into a) maritime, b) sea shore; c) restingas and coastal terraces, d) mangrove sub-zones. The second (forests) includes a) humid forest, b) dry forest, and c) tropical mountain forest sub-zones. The caatinga zone is sub-divided into two sub-zones: a)

---

Chefe da Seção de Botânica do Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco.

agreste and b) sertão. The sertão, by its turn, is sub-divided into 5 regions: a) central sertão; b) sandstone plateaux; c) sertão of the São Francisco river; d) sertão of Jatinã; e) sertão of the Araripe. The last zone (savannas) has two sub-zones: a) tabuleiros and b) agrestes of the Araripe. For all these zones, sub-zones and regions the Author gives the most characteristic species and some general information.

**Index terms:** phytogeography, Pernambuco, littoral, forest, caatinga, savanna.

## INTRODUÇÃO

Pernambuco situa-se na região equatorial do Brasil. Tem seu extremo norte a 7°15'45" lat. S. tendo, na foz do Rio Goiana limite com a Paraíba, 7°28'16" lat. S. (Galvão, 1921). Extremo sul a 9°28'18" lat. S. tendo, na foz do rio Persinunga, limite com Alagoas, 8°56'10" lat. S. (Galvão, 1921). De leste a oeste estende-se de 34°48'33" long. W. Greenwich e 41°19'54" long. W. Greenwich.

Como já salienta Vasconcelos Sobrinho (1949), sendo a extensão leste-oeste, grandemente superior à norte-sul, é naquela direção onde as variações de vegetação mais fortemente se fazem sentir. Para isso, interferem vários fatores, entre os quais destacam-se a salinidade marinha, variações de pluviosidade, de altitude e de solo, podendo esses fatores atuar isoladamente ou, o que é mais comum, em graus variáveis de inter-relações.

A pequena área do Estado de Pernambuco (98.079 Km<sup>2</sup>) não lhe permite possuir um tipo ou tipos próprios de vegetação. As diferentes zonas fitogeográficas nele encontradas são parte ou repetições de algumas das grandes zonas fitogeográficas do Brasil.

Dessa forma, ocorrem em Pernambuco 4 zonas fitogeográficas: do litoral, da mata, da caatinga e das savanas.

## ZONA DO LITORAL

Sampaio (1945) denomina a vegetação da costa, atlântica brasileira como "zona marítima". Vasconcelos Sobrinho (1949) embora colocando-a como uma subdivisão da zona da mata, emprega a denominação Marítima ou do Litoral. Hilton Sette (1948) usa apenas a expressão "do litoral" para essa zona. A. Lima (1951) também a designa dessa forma. O mesmo autor (1954) entretanto, volta a denominá-la de "marítima". No presente trabalho, porém, estabelece definitivamente a expressão

“do litoral”, que melhor exprime o fato de uma flora que habita a faixa do litoral, sob a influência direta ou indireta do mar. O termo “marítima” é empregado apenas em uma das subdivisões da zona, conforme será visto mais, adiante.

Situando-se ao longo da costa atlântica, a zona do litoral de Pernambuco não é uniforme em tôdas suas características. Tem largura variável, podendo ir de poucos metros até alguns quilômetros.

Vasconcelos Sobrinho colocou-a como subzona da zona da mata. Sua vegetação, entretanto, apresenta características próprias inconfundíveis, pelo que é aqui mantida como uma autêntica zona.

Compõem esta zona partes dos seguintes municípios: Goiana, Igarassu, Paulista, Olinda, Recife, Jaboatão, Cabo, Ipojuca, Sirinhaém, Rio Formoso e Barreiros.

De acordo com a localização, altitude, tipo de solo e maior ou menor concentração salina, fatores esses que se traduzem por variações sensíveis da vegetação, divide-se a zona do litoral nas subzonas: a) marítima, b) praia, c) restingas e d) mangues. Cada uma dessas subzonas tem sua flora própria e sua caracterização fisionômica bem definida.

#### **a) Vegetação marítima**

Compreende na sua quase totalidade as algas oceânicas, que se fixam sobre os arrecifes de arenito ao longo da costa, ou, em poucos casos, no fundo arenoso e raso entre esses arrecifes e a praia, ou ainda sobre os raros afloramentos graníticos ao nível do mar. Além das algas, ocorre também nesta subzona uma Angiosperma. Com freqüência são esses vegetais arrancados do seu habitat pelas ondas, sendo trazidos para a praia em grande quantidade. Dá-lhes o povo, indistintamente, o nome vulgar de “sargaço” e os jangadeiros frequentemente chamam-nos de “cisco do mar” ou simplesmente “cisco”.

#### **Flora algológica**

Louis G. Williams e H.L. Blomquist, referem em “A Colletion of Marine Algae from Brazil” (1947) as seguintes algas para a costa pernambucana:

Myxophyceae

Chamaesiphonaceae

*Dermocarpa prasina* (Reinsch) Born. & Thuret.

## Oscillatoriaceae

*Oscillatoria corallinae* Gomont.

## Chlorophyceae

## Ulvaceae

*Ulva fasciata* Delile

*Ulva lactuca* L.

*Ulva lactuca* var. *rigida* (C. Ag.) LeJolis.

## Cladophoraceae

*Chaetomorpha gracilis* Kütz.

*Rhizoclonium riparium* (Roth.) Harv.

*Cladophora membranacea* (C. Ag.) Harv

## Valoniaceae

*Anadyomene stellata* (Wulf.) C. Ag.

*Dictyosphaeria cavernosa* (Forssk.) Borg.

*Chamaedoris peniculum* (Ell. & Sol.) Kunze

*Valonia ventricosa* J. Ag.

## Bryopsidaceae

*Bryopsis pennata* Lamour.

## Caulerpaceae

*Caulerpa crassifolia* (C. Ag.) f. *mexicana* (Sond.) J. Ag.

*Caulerpa lycopodium* J. Ag.

*Caulerpa prolifera* (Forssk.) Lamour.

*Caulerpa pusilla* (Kütz.) J. Ag.

*Caulerpa racemosa* (Forssk.) J. Ag. var. *laetevirens* (Mont.) Weber-van Bosse.

*Caulerpa racemosa* (Forssk.) J. Ag. var. *clavifera* (Turn.) Weber-van Bosse.

*Caulerpa racemosa* (Forssk.) J. Ag.-var. *uvifera* (Turn.) J. Ag.

*Caulerpa sertularioides* (Gmelen) Howe.

*Caulerpa webbiana* Mont. f. *tomentella* (Harv.) Weber-van Bosse.

## Codiaceae

*Codium dictotomum* (Huds.) S. F. Gray.

*Halimeda discoidea* Decaisne.

*Halimeda opuntia* (L.) Lamour.

*Halimeda simulans* Howe.

*Halimeda tuna* (Ell. & Sol.) Lamour.

*Penicillus capitatus* Lamarck.

*Udotea flabellum* (Ell. & Sol.) Howe

## Phaeophyceae

### Dictyotaceae

*Dilophus altemans* J. Ag.

*Dictyota cervicornis* Kütz.

*Dictyota ciliolata* Kütz.

*Dictyota divaricata* Lamour.

*Dictyopteris areschougii* (J. Ag.) Vick.

*Dictyopteris delicataula* Lamour.

*Dictyopteris justii* Lamour.

*Padina gymnospora* (Kütz.) Vick.

*Padina vickersiae* Hoyt.

*Spatoglossum areschougii* J. Ag.

*Spatoglossum schroederi* (Mert.) J. Ag.

*Zonaria variegata* (Lamour.) C. Ag.

*Zonaria zonalis* (Lamour.) Howe.

### Sargassaceae

*Sargassum lendigerum* (L.) C. Ag.

*Sargassum platycarpum* Mont.

*Sargassum polyceratium* Mont.

## Rhodophyceae

### Bangiaceae

*Erythrocladia subintegra* Rosenv.

### Helminthocladiaceae

*Nemalion schrammii* (Crouan.) Borg.

*Acrochaetium comptum* Borg.

*Liagora ceranoides* Lamour.

*Liagora valida* Harv.

### Chaetangiaceae

*Galaxaura cylindrica* (Sol.) Lamour.

*Galaxaura subverticillata* Kjellman.

**Gelidiaceae**

*Gelidium rigidum* (Vahl.) Grev.

*Gelidium corneum* (Huds.) Lamour.

*Gelidium crinale* (Turn.) Lamour.

**Corallinaceae**

*Fosliella lejolisii* (Rosanoff.) Howe.

*Melobesia membranacea* (Esper.) Lamour.

*Jania adhaerens* Lamour.

*Jania capillacea* Harv.

*Jania pumila* Lamour.

*Jania rubens* (L.) Lamour.

*Amphiroa beauvoisii* Lamour.

*Amphiroa fragilissima* (L.) Lamour.

*Corallina cubensis* (Mont.) Kütz.

**Grateloupiaceae**

*Cryptonemia crenulata* J. Ag.

*Cryptonemia luxurians* (Mert.) J. Ag.

*Halymenia floresia* (Clem.) C. Ag.

*Halymenia floridana* J. Ag.

**Nemastomataceae**

*Platoma tenuis* Howe. & Taylor.

**Rhodophyllidaceae**

*Rhodophyllis gracilarioides* Howe. & Taylor.

**Rhabdoniaceae**

*Rhabdonia ramosissima* (Harv.) J. Ag. var *dilatata* J. Ag.

**Hypneaceae**

*Hypnea cervicornis* J. Ag.

*Hypnea musciformis* (Wulf.) Lamour.

*Hypnea spinella* (C. Ag.) Kütz.

*Hypnea esperi* Bory.

**Gracilariaceae**

*Gracilaria blodgettii* Harv.

*Gracilaria cervicornis* (L.) Grev.

*Gracilaria cornea* J. Ag.

*Gracilaria cylindrica* Borg.

*Gracilaria curtissiae* J. Ag.  
*Gracilaria ferox* J. Ag.  
*Gracilaria mammillaris* (Mont.) Howe.  
*Gracilaria ornata* Aresch.

#### Rhodymeniaceae

*Botryocladia uvaria* (Wulf.) Kylin.  
*Botryocladia skottsbergii* Borg.

#### Champiaceae

*Champia parvula* (C. Ag.) Harv.

#### Ceramiaceae

*Centroceras clavulatum* (C. Ag.) Mont.  
*Ceramium nitens* (C. Ag.) J. Ag.  
*Ceramium rubrum* (Huds.) C. Ag.  
*Griffithsia globulifera* (Harv.) J. Ag.  
*Griffithsia radicans* Kütz.  
*Spyridia filamentosa* (Wulf.) Harv.

#### Rhodomelaceae

*Laurencia obtusa* (Huds.) Lamour.  
*Laurencia papillosa* (Forssk.) Grev.  
*Laurencia scoparia* J. Ag.  
*Chondria littoralis* Harv.  
*Digenea simplex* (Wulf.) C. Ag.  
*Acanthophora spicifera* (Vahl.) Berg.  
*Bryothamnion seaforthii* (Turner) Kütz. f. *disticha* J. Ag.  
*Bryothamnion triquetrum* (Grelin) Howe.  
*Bostrychia binderi* Harv.  
*Bostrychia sertularia* (Mont.) Howe.  
*Bostrychia tenella* (Vahl.) J. Ag.  
*Herposiphonia tenella* (C. Ag.) Ambronn.  
*Laphosiphonia obscura* Auct.  
*Amansia multifida* Lamour.  
*Vidalia obtusiloba* (Martens.) J. Ag.

A Angiosperma anteriormente referida é a Potamogetonaccae *Diplanthera* cf. *wrightii* (Aschers) Aschers, a qual habita locais de águas calmas e solo arenoso,

formando verdadeiros prados submersos, onde ocorre vir pastar o peixe–boi (*Trichechus manatus manatus* L., 1758 (Petit, 1955)). Fragmentos de *Diplanthera* cf. *wrightii* são, frequentemente, encontrados na praia.

## b) Praia

Sob este nome enquadram–se as áreas em contacto com o mar, de solo de areia solta e vegetação rasteira, mais ou menos densa. A largura desta subzona varia de apenas alguns metros, como no cabo de Santo Agostinho, a cerca de cem metros como se observa na praia de Porto de Galinhas.

A fisionomia da subzona da praia é pouco variável. Há, contudo, áreas em que predominam Gramíneas de folhas espessas, delgadas e longas como por exemplo *Sporobolus virginicus* (L.) Kunth. e outras áreas, entretanto, onde a predominância é de Leguminosas – *Canavalia maritima* (Aubl.) Thou. e Cactáceas – *Cereus fernambucensis* Lemaire – como se observa ao sul de Porto de Galinhas. Uma terceira fisionomia é dada pela predominância de *Ipomoea pes pes–caprae*, o que ocorre ao sul de Puirauçu.

Várias das espécies desta subzona têm folhas suculentas, em virtude da seca fisiológica a que estão sujeitas. Constitui bom exemplo o “brejo da praia” – *Iresine portulacoides* Moq. Outras espécies, numa proteção à mudança constante das areias, provocada pelo vento, têm caules estoloníferos subterrâneos. Entre estas, pode ser referida *Ipomoea stolonifera* Poir.

Podem ser citadas como principais espécies da subzona da praia as seguintes:

### Cyperaccae

*Fimbristylis glomerata* (Retz.) Nees.

*Remirea maritima* Aubl. – “alecrim da praia”.

### Gramineae

*Paspalum arundinaceum* Poir.

*Paspalum maritimum* Trin. – “capim gengibre”,

*Paspalum vaginatum* Sw.

*Sporobolus virginicus* (L.) Kunth.

### Palmae

*Arikuryroba schizophylla* (Mart.) L. H. Balley. – “côco baboso”.

### Amarantaceae

*Alternanthera maritima* St. Hil.

*Iresine portulacoides* Moq. – “brejo da praia”.



## Nyctaginaceae

*Pisonia subcordata* Sw.

## Aizoaceae

*Sesuvium portulacastrum* L.

## Lauraceae

*Cassytha americana* Nees. – “cipó chumbo”

## Rosaceae

*Chrysobalanus icaco* L. – “guajeru”.

## Leguminosae – Caesalpinioideae

*Caesalpinia bonduc* (L.) Roxb. emend. Excell & Dandv – “carriça”.

## Leguminosae – Papilionoideae

*Canavalia maritima* (Aubl.) Thou.

*Centrosema brasilianum* Benth.

*Crotalaria retusa* L. – “xique-xique”.

*Indigofera campestris* Bong.

*Phaseolus peduncularis* H. B. K.

*Stylosanthes viscosa* Sw.

## Polygalaceae

*Polygala corisoides* St. Hill. – “pinheirinho da praia”.

## Euphorbiaceae

*Euphorbia hyssopifolia* L.

*Euphorbia hirtella* Boiss. var. *brevifolia* M. Arg.

## Malvaceae

*Sida ciliaris* L.

## Turneraceae

*Turnera ulmifolia* L. var. *elegans* Urb. – “chanana”.

## Cactaceae

*Cereus farnambucensis* Lemaire.

## Umbelliferae

*Hydrocotyle umbellata* L.

## Theophrastaceae

*Jacquinia armillaris* Jacq.

## Asclepiadaceae

*Calotropis procera* (Willd.) R. Br. – “algodão de seda”.

### Convolvulaceae

*Ipomoea stolonifera* Poir.

*Ipomoea pes-caprae* Sweet. – “salsa da praia”.

### Boraginaceae

*Heliotropium clauseni* DC.

### Rubiaceae

*Richardsonia grandiflora* Cham. & Schl.

### Goodeniaceae

*Scaevola plumieri* Vahl. – “mangue da praia”.

Em algumas áreas próximas a habitações humanas, a subzona da praia é penetrada por espécies ruderais como *Cenchrus echinatus* Schrader. – “carrapicho”, *Borreria verticillata* G.F.W. Mey. – “vassourinha de botão”, *Desmodium canum* (Gmel.) Schinz et Mill., *Phyllanthus niruri* Vell. – “quebra-pedra”, *Commelina elegans* H.B.K. – “andaca”, *Boerhaavia coccinea* Mill. – “pega-pinto”, *Solanum paniculatum* L. – “jurubeba”, *Portulaca oleracea* L. – “beldroega” e outras.

### c) Restingas e terraços litorâneos

Esta subzona segue imediatamente após a praia. Tem largura variável, chegando mesmo a um ou dois quilômetros. O solo é arenoso profundo, plano ou formando uma sucessão de elevações e depressões longas, paralelas à linha do mar, o que bem demonstra o caráter de restingas fósseis às quais se juntam terraços litorâneos, de pequena altitude. Dunas propriamente, raras vezes ocorrem no litoral pernambucano, e, quando presentes, são de proporções reduzidas. Durante a época de água pluvial nas depressões entre os cordões de restingas, instala-se uma flora hidrófila principalmente de *Chara fragilis* L.

A subzona das restingas e terraços litorâneos pode ser subdividida em dois tipos principais de formações: 1) mata de restinga e 2) campos de restinga ou restinga propriamente dita.

#### 1) Mata de restinga

Entre as raras matas de restinga ainda existentes em Pernambuco podem ser citadas a que se estende entre Janga e Maranguape e a de Porto de Galinhas. Esta, entretanto, mais devastada que a anterior.

As árvores da mata de restinga têm, geralmente, copa larga e irregular, não muito elevada. Entre as espécies arbóreas predominam:

Lauraceae

*Nectandra* sp. – “louro baboso”.

Rosaceae

*Moquilea tomentosa* Benth – “oití da praia”

*Couepia* sp. – “goiti”.

Leguminosae

*Andira nitida* Mart. – “angelim”.

*Pithecolobium foliolosum* Benth. – “jurema”.

*Platymiscium* aff. *biancheti* Benth.

Anacardiaceae

*Anacardium occidentale* L. – “cajueiro”.

*Schinus terebinthifolius* Raddi – “aroeira da praia”.

Icacinaceae

*Emmotum acuminatum* (Benth.) Miers.

Sapotaceae

*Manilkara salzmanni* (A. DC.) H. J. Lam. – “maçaranduba”.

Bignoniaeae

*Tabebuia roseo-alba* (Ridley) Sandw. – “pau d’arco”.

Esse tipo de mata tem sido grandemente devastado, seja para plantio de coqueiros (*Cocos nucifera* L.), para obtenção de lenha, ou para loteamentos.

## 2) Campos de restinga

Nos Campos de restinga ou restinga propriamente dita, a vegetação é arbustiva, de densidade variável. Nas áreas mais abertas, há ocorrência de algumas espécies comuns aos tabuleiros, o que sugere ser a restinga aberta um estágio intermediário para o verdadeiro tabuleiro.

Entre as espécies dos campos de restinga destacam-se:

Polypodiaceae

*Blechnum serrulatum* Rich.

*Pteridium aquilinum* (L.) Kuhn.

## Cyperaceae

*Lagenocarpus martii* Nees.

## Gramineae

*Andrepogon leucostachyus* H. B. K.

*Axonopus aureus* Beauv.

*Chloris argentina* (Hack.) Lillo & Parodi.

*Eragrostis amabilis* (L.) Wight. & Arn.

*Pappophorum alopecuroideum* Vahl.

## Palmae

*Acrocomia intumescens* Drude – “macaíba”.

## Araceae

*Anthurium affine* Schott.

## Bromeliaceae

*Aechmaea stephanophora* E. Morr. ex Baker. – “nana”.

*Hohenbergia ridleyi* (Baker) Mez.

## Musaceae

*Heliconia angustifolia* Hook. – “paquevira”

## Burmanniaceae

*Burmannia capitata* Mart.

## Orchidaceae

*Epidendrum cinnabarinum* Salm.

*Cyrtopodium andersonii* R. Br.

## Aristolochiaceae

*Aristolochia trilobata* L.

## Nyctaginaceae

*Pisonia sub-cordata* Sw.

## Leguminosae

*Pithecclobium filamentosum* Benth.

*Cassia brachystachya* Benth. var. *unijuga* Benth. – “carrasco”.

*Cassia uniflora* Spreng.

*Clitoria laurifolia* Poir.

*Periandra mediterranea* (Vell.) Taub. – “alcaçus”.

## Humiriaceae

*Humiria floribunda* Mart.

## Rutaceae

*Esenbeckia intermedia* Mart.

## Simarubaceae

*Simaba cuncata* St. Hil. & Tul.

## Malpighiaceae

*Brachypterys paralias*

*Byrsonima gardneriana* Juss. – “muricí da praia”.

## Polygalaceae

*Polygala lancifolia* St. Hil.

## Euphorbiaceae

*Croton sellowii* Baill.

## Dilleniaceae

*Tetracera breyniana* Schlecht.

## Ochnaceae

*Ouratea fieldingiana* Engl.

## Marcgraviaceae

*Norantea brasiliensis* Choisy.

## Violaceae

*Hybanthus ipecacuanha* (L.) Baill. – “ipecacuanha branca”.

## Cactaceae

*Pilocereus hapalacanthus* Werd.

*Cereus fernambucensis* Lemaire.

*Melocactus violaceus* Pfeiff. – “crôa de frade”.

## Lythraceae

*Cuphea flava* Spreng.

## Myrtaceae

*Myrcia* spp. – “murta”.

## Melastomaceae

*Marcetia ericoides* (Spreng.) Cogn.

## Ericaceae

*Gaylussacia brasiliensis* Meisen.

## Apocynaceae

*Hancornia speciosa* Gomez.

## Boraginaceae

*Tournefortia candidula* (Miers.) Johnston.

**Lentibulariaceae**

*Utricularia* spp.

**Rubiaceae**

*Chiococca alba* (L.) Hitchie.

*Guettarda platypoda* DC.

*Perama hiruta* Aubl.

*Tocoyena selloana* Schuman.

**Campanulaceae**

*Cephalostigma bahiensis* A. DC.

Nas áreas de contacto da restinga com a praia ocorrem frequentemente:

**Gramineae**

*Stenotaphrum secundatum* (Walt.) Kuntze.

**Leguminosae**

*Abrus precatorius* L. – “ôlho de pombo”.

*Sophora tomentosa* L. – “comandaiba”.

**d) Mangues**

Esta subzona inclui a vegetação das áreas de contacto da água salgada marítima com a doce dos rios onde, em vista da pouca velocidade destes, depositam-se os finos sedimentos que vêm em suspensão, dando origem a solos pantanosos, negros.

A subzona dos mangues tem maior extensão nos municípios de Goiana e Igarassu, onde penetra vários quilômetros, numa rede de rios e canais naturais.

Algumas espécies vivem obrigatoriamente na área pantanosa e outras nas áreas marginais.

Entre as primeiras citam-se:

**Rhizophoraceae**

*Rhizophora mangle* L. – “mangue vermelho”.

**Combretaceae**

*Conocarpus erectus* L. – “mangue de botão”.

*Laguncularia racemosa* Gaertn. f. – “mangue manso”.

### Verbenaceae

*Avicennia nitida* Jacq. – “mangue canoé”.

*Avicennia schaueriana* Stap. & Lechman.

Das espécies marginais destacam-se:

### Polypodiaceae

*Acrostichum aureum* L. – “samambaia-açu”.

### Aizoaceae

*Sesuvium portulacastrum* L.

### Leguminosae

*Dalbergia hecastophyllum* (L.) Taub.

### Sapindaceae

*Dodonaea viscosa* Jacq.

Algumas das espécies acima, como *Rhizophora mangle*, chegam a alcançar porte arbóreo (8–10 m) e são utilizadas como madeira de construção.

Atualmente, entretanto, devido ao corte excessivo, já se tornam menos frequentes indivíduos desse porte. Os mangues assim de pequeno porte têm largo emprego como lenha para padarias, etc.

Rica em tanino, a casca dos mangues é usada para tingir e tornar mais resistentes as linhas e redes de pesca.

## ZONA DA MATA

A zona da mata em Pernambuco representa o ponto de ligação das Florestas Orientais Brasileiras que vêm do sul, com as Florestas Equatoriais Brasileiras, vindas da Amazônia, porém, presentemente, com o grande hiato correspondente aos Estados do Ceará e Piauí e partes do Rio Grande do Norte e Maranhão.

A mata pernambucana divide-se em três subzonas: a) mata úmida, b) mata seca e c) matas serranas. Nos dois primeiros casos, baseia-se esta divisão, como indicam os adjetivos na maior ou menor exuberância da vegetação, motivadas pela maior ou menor umidade ambiente, bem como altitude, permeabilidade do solo e proximidade da zona da caatinga. A mata úmida, perenifólia, é exuberante, de folhagem verde-escuro, rica em cipós. As árvores, aí, têm diâmetro do caule maior, em relação ao

comprimento. Na mata seca, caducifólia, há um maior número de indivíduos arbóreos por área, os caules são relativamente longos e o número de cipós vigorosos é menor. As matas serranas são perenifólias e encimam muitas das serras dos três–quartos ocidentais do Estado.

#### a) Mata úmida \*

Incluem–se, nesta subzona, total ou parcialmente, os seguintes municípios: Goiana, També, Nazaré da Mata, Igarassu, Paulista, Olinda, Recife, Pau d’Alho, São Lourenço da Mata, Moreno, Vitória de Santo Antão, Cabo, Gravatá, Ipojuca, Escada, Amaraji, Bezerros, Cortês, Bonito, Glória do Goitá, Jaboatão, Ribeirão, Sirinhaém, Rio Formoso, Gameleira, Joaquim Nabuco, Palmares, Lagoa dos Gatos, Cupira, Barreiros, Água Preta, Maraiá, Panelas, Jurema, Quipapá, Canhotinho, Angelim, Palmeirinha, Garanhuns, Correntes e Bom Conselho.

Em parte dos municípios de Vicência, Macaparana, São Vicente Férrer, Orobó e Bom Jardim, motivada pela presença de serras, ocorre uma disjunção da mata úmida, reparada da porção principal pela subzona da mata seca.

Embora haja variações de algumas espécies de uma área para outra, principalmente quando comparadas áreas do norte do Estado com outras do sul, há, na subzona da mata úmida de Pernambuco, um grande número de espécies que são bem características para o conjunto. Serão citadas a seguir aquelas que ocorrem com mais frequência, especialmente as arbóreas, pelo seu maior valor econômico.

#### Typhaceae

*Typha domingensis* (Pers.) Kunth. – “tabua”.

#### Alismaceae

*Echinodorus floribundus* Seub. – “chapéu de couro”.

#### Butonaceae

*Hydrocleis nimphoides* (Willd.) Buchem.

#### Cyperaceae

*Cyperus articulatus* L. – “junco”.

*Cyperus giganteus* Vahl. – “periperi”.

*Cyperus rotundus* L. – “alho do mato”.

*Dichromena ciliata* Vahl. – “capim estrela”.

---

\* O autor agradece a valiosa colaboração do prof. Manoel Correia de Andrade na delimitação dessa subzona, nos municípios de Vicência, São Vicente Férrer e Macaparana.



*Puirena umbellata* Rottb.

*Scleria bracteata* Cavan. – “tiririca”.

#### Gramineae

*Andropogon condensatus* H.B.K – “rabo de raposa”.

*Aristida marginalis* Ekm.

*Cynodon dactylon* (L.) Pers. – “grama de burro”.

*Digitaria horizontalis* Willd – “capim de roça”.

*Eragrostis ciliaris* (L.) Link. – “capim mimoso”.

*Lasiacis ligulata* Hitch. & Chase. – “taquari”.

*Panicum laxum* Sw.

*Paspalum conjugatum* Berg. – “papuã”.

#### Palmae

*Attalea* sp. – “pindoba”.

#### Araceae

*Philodendron imbe* Schott. – “imbé”.

#### Bromeliaceae

*Bromelia karatas* L. – “gravatá de raposa”.

*Canistrum aurantiacum* E. Morr. – “gravatá”.

#### Pontederiaceae

*Eichhornia crassipes* Solms. – “baroneza”.

*Eichhornia paniculata* Solms.

#### Piperaceae

*Piper marginatum* Jacq.

#### Ulmaceae

*Trema micrantha* (L.) Blume.

#### Moraceae

*Clarisia racemosa* Ruiz & Pav. – “oiticica da mata”.

*Cecropia* spp. – “embaúbas”.

*Helicostylis tomentosa* (Poepp. & Endl.) Macbr. – “amora da mata”.

#### Phytolaccaceae

*Gallezia gorazema* Moq. – “pau d’alho”.

#### Ranunculaceae

*Clematis dioica* L. var. *brasiliانا* (DC.) Elchl.

## Anonaccae

*Anona salzmannii* A. DC. – “raticum apé”.

## Myristicaceae

*Virola gardnei* (DC.) Warb. – “urucuba”.

## Lauraceae

*Ocotea* spp. – “louros”.

## Podostemonaceae

*Mourera fluviatilis* Aubl. – “muraré”.

## Rosaceae

*Couepia rufa* Ducke. – “oiti coró”.

*Hirtella racemosa* Lam. var. – “azeitona da mata”.

## Connaraceae

*Rourea glabra* H. B. K.

## Leguminosac

*Inga bahiensis* Benth. – “ingá de beira de rio”.

*Inga blanchetiana* Benth. – “ingá-caixão”.

*Inga fagifolia* (L.) Willd. – “ingai”.

*Inga thibaudiana* DC.

*Pithecolobium avaremotemo* Mart. – “barbatimão”.

*Pithecolobium pedicellare* (DC.) Benth. – “jaguarana”.

*Pithecolobium saman* (Jacq.) Benth. var. *acutifolium* Benth. – “bordão de velho”.

*Schranckia leptocarpa* DC. – “malícia”.

*Stryphnodendron pulcherrimum* (Willd.) Hochr. – “favinha”.

*Plathymenia foliolosa* Benth. – “amarelo”.

*Parkia pendula* Benth. – “visgueiro”.

*Copaifera* sp. – “pau d’oleo”.

*Hymenaea martiana* Hayne. – “jatobá”.

*Hymenaea rubriflora* Ducke. – “jatobá vermelho”.

*Hymenaea latifolia* Hayne. – “jatobá”.

*Peltogyne recifensis* Ducke. – “barabu”.

*Bauhinia rubiginosa* Bong. – “mororó”.

*Inga flagelliformis* (Vell.) Mart.

*Dialium guianense* (Aubl.) Sandw. – “pau ferro”.

*Cassia apoucouita* Aubl. – “coração de negro”.

*Sclerolobium densiflorum* Benth. – “ingá-porco”.

*Swartzia pickelii* Killip ex Ducke. – “jacarandá branco”.

*Zollernia paraensis* Hub. – “pau santo”.

*Bowdichia virgilioides* H.B.K. – “sucupira–mirim”.

*Ormosia* sp. – “sucupira baraquim”.

*Pterocarpus violaceus* Vog. – “pau–sangue”.

*Derris guilleminiana* (Tul.) Macbr. – “piaca”.

*Coumarouna odorata* Aubl. – “cumaru”.

#### Humiriaceae

*Saccoglottis guianensis* Benth. var. *sphaerocarpa* Duck. – “oití de morcego”.

#### Rutaceae

*Hortia arborea* Engler. – “laranjinha”.

#### Simarubaceae

*Simaruba amara* Aubl. – “praíba”.

#### Burseraceae

*Protium heptaphyllum* March. – “amescla”.

#### Meliaceae

*Guarea trichilioides* L. – “jiló”.

*Cabralea* sp. – “cajacatinga”.

#### Malpighiaceae

*Byrsonima sericea* DC. – “muricí da mata”.

#### Vochysiaceae

*Vochysia oblongifolia* Warm. – “bulandí”.

#### Euphorbiaceae

*Richeria grandis* Vahl. – “bulandí–jaca”.

*Pera ferruginea* Muell. Arg. – “sete cascos”.

*Pogonophora schomburgkiana* Miers. – “cocão”.

#### Ochnaceae

*Elvasia* sp. – “piripitanga”.

#### Anacardiaceae

*Tapirira guianensis* Aubl. – “pau–pombo”.

#### Elaeocarpaceae

*Sloanea obtusifolia* (Moric.) Schum. – “marmajuda”.

#### Tiliaceae

*Apeiba albiflora* Ducke. – “pau de jangada”.

*Apeiba tibourbou* Aubl. – “pau de jangada”.

*Luehea ochrophylla* Mart. – “pereira da mata”.

#### Bombacaceae

*Bombax gracilipes* K. Schum – “munguba”.

#### Sterculiaceae

*Basiloxylon brasiliensis* Fr. Al. – “pirauá”.

*Guazuma ulmifolia* Lam. – “mutamba”.

#### Guttiferae

*Caraipa densifolia* Mart. – “camaçari”.

*Clusia nemorosa* Mey. – “pororoca”.

*Symphonia globulifera* L. – “bulandi de leite”.

#### Caricaceae

*Jaracatia dodecaphylla* A. DC. – “jaracatiá”.

#### Lecythidaceae

*Lecythis pisonis* Cambess – “sapucaia”.

*Eschweilera luschnatii* Miers. – “embiriba”.

*Cariniana brasiliensis* Casar. – “sapucaia de apito”.

#### Combretaceae

*Buchenavia capitata* Eichl. – “embirindiba”.

#### Araliaceae

*Didymopanax morototoni* Decne & Planch. – “sambacuí”.

#### Sapotaceae

*Lucuma grandiflora* A. DC. – “oiti trubá”.

*Manilkara salzmanni* (A. DC.) H. J. Lam. – “maçaranduba”.

*Micropholis* sp. – “prijuí”.

#### Loganiaecae

*Strychnos rubiginosa* A. DC. – “capitão”.

#### Apocynaceae

*Aspidosperma discolor* A. DC. – “cabo de machado”.

*Aspidosperma limae* Wood. – “pitiá-mandioca”.

*Plumiera bracteata* A. DC. – “angélica da mata”.

#### Bignoniaceae

*Tabebuia avellanae* Lorentz ex Griseb. – “pau d'arco roxo”.

#### Compositae

*Wedelia paludosa* DC. – “mal-me-quer”.

Na subzona da mata úmida está localizada, por excelência, a indústria açucareira de Pernambuco.

A exploração de madeiras tem dilapidado grandemente nossas reservas florestais. Ainda podem ser encontradas algumas maiores reservas nos municípios de Amarají, Cortês, Joaquim Nabuco, Barreiros, Água Preta, Palmares e Quipapá.

#### **b) Mata seca \*\***

Esta subzona compreende parte ou toda a área dos seguintes municípios: Também, Timbaúba, Aliança, Goiana, Vicência, Bom Jardim, São Vicente Férrer, Orobó, Surubim, Nazaré da Mata, Igarassu, Pau d'Alho, Carpina, Glória do Goitá, Vitória de Santo Antão e Gravatá.

Entre as espécies arbóreas mais típicas desta subzona destacam-se:

#### Palmae

*Syagrus oleracea* (Mart.) Becc. – “catolé”.

#### Leguminosae

*Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong. – “timbaúba”.

*Pithecolobium polycephalum* Benth. – “camondongo”.

*Caesalpinia echinata* Lam. – “pau brasil”.

#### Anacardiaceae

*Astronium fraxinifolium* Schott. – “brito”.

#### Boraginaceae

*Cordia trichotoma* (Vell.) Arrab. ex Steud. – “frei-jorge”.

#### Bignoniaceae

*Tabebuia chrysotricha* (Mart. ex DC.) Standley – “pau d'arco amarelo”.

Nesta subzona, já bastante devastada em sua cobertura arbórea, localiza-se também parte da lavoura canavieira pernambucana. A agricultura de cereais é igualmente explorada.

---

\*\* O autor agradece a valiosa colaboração do prof. Mário Coêlho de Andrade Lima, na delimitação desta subzona.

### c) Matas serranas

As matas serranas ou brejos de altitude, constituem, em Pernambuco, disjunções da floresta tropical perenifólia, dentro da zona da caatinga. Localizam-se, via de regra, nos níveis superiores das serras, quer graníticas, quer cretácicas, acima de cotas nunca inferiores aos 500 m e progressivamente maiores, num sentido geral SE–NW, até os 1.100 m.

Em diversas serras, as variações de umidade e temperatura durante os períodos chuvoso e de estio, determinaram condições especiais e mais rigorosas, que resultam em um fâcies próprio, dessas florestas serranas, com espécies típicas e fisionomia distinta. São, na maioria dos casos, ilhas de floresta perenifólia na zona da caatinga, podendo, entretanto, haver continuidade entre a floresta úmida costeira e esse fâcies dos brejos de altitude. Isso ocorre em Camocim de São Félix e parece ter ocorrido, no passado, com a floresta da serra de Garanhuns, que sugere ter sido contínua na direção Brejão – serra de Bom Conselho.

Estando estas disjunções da floresta perenifólia topograficamente dentro da zona da caatinga, poderão, eventualmente, ser referidas quando do estudo dessa zona.

Destacam-se entre as matas serranas ou brejos de altitude as de Taquaritinga do Norte, da serra Negra de Bezerros, de Camocim de São Félix, da serra dos Cavalos em Caruaru, das serras ao N. de Belo Jardim e Sanharó, da serra do Ororobá em Pesqueira, de Garanhuns, da serra Negra entre os municípios de Inajá e Floresta, da serra de Tacaratu e de Triunfo. Algumas dessas florestas, como a de Tacaratu, já foram quase totalmente eliminadas.

Indivíduos de algumas espécies dessas matas serranas chegam a atingir grande porte (20–35 m).

Entre as espécies arbóreas destacam-se:

#### Phytolaccaceae

*Galezia gorazema* Moq. – “pau d’alho”.

#### Rosaceae

*Rubus* sp.

#### Leguminosae

*Inga subnuda* Salzm. ex Benth. – “ingazeira”.

*Caesalpinia leiostachya* (Benth.) Ducke – “pau ferro”.

*Copaifera trapezifolia* Hayne – “pau d’óleo”.

**Proteaceae**

*Roupala cearaensis* Sleumer. – “lacre”.

**Meliaceae**

*Cedrela* sp. – “cedro”.

**Combretaceae**

*Terminalia* sp. – “mamaluco”.

**Araliaceae**

*Oreopanax capitatum* Decne et Planch. var. *multiflorum* (DC.) E. March. – “abacate do mato”.

**Sapotaceae**

*Manilkara rufula* (Miq.) Lam. – “maçaranduba”.

**Apocynaceae**

*Aspidosperma pyricollum* Muell. Arg. – “pereiro brabo”.

**Bignoniaceae**

*Tabebuia avellaneda* Lorentz ex Griseb. – “pau d’arco roxo”.

Essas serras são, em geral, férteis e além da lavoura da mandioca, cultiva-se frequentemente café.

**ZONA DA CAATINGA**

É a maior das zonas fitogeográficas pernambucanas. Caracteriza-se por uma vegetação de porte médio a baixo, tipicamente tropófila (decídua) rica de espinhos, na qual se interpõem Cactáceas e Bromeliáceas. O clima é seco. O solo em grande parte é raso.

Fatores de solo, pluviosidade e altitude fazem variar de modo apreciável o aspecto da caatinga. Baseia-se nessas variações a divisão da zona em subzonas e estas em regiões.

A zona da caatinga compreende duas subzonas: a) agreste e b) sertão.

**a) Agreste**

Compreende os seguintes municípios, ou parte deles: Também, Timbaúba, Orobó, Bom Jardim, João Alfredo, Limoeiro, Glória do Goitá, Vitória de Santo Antão, Surubim, Vertentes, Taquaritinga do Norte, Toritama, Riacho das Almas, Gravatá, Bezerros, Camocim de São Félix, Bonito, São Joaquim do Monte, Agrestina, Santa

Cruz do Capibaribe, Brejo da Madre de Deus, São Caetano, Altinho, Caruaru, Cupira, Quipapá, Pannels, Jurema, Lajedo, Angelim, Canhotinho, Palmeirina, Alagoinha, Garanhuns, Correntes, Belo Jardim, Sanharó, Poção, Pesqueira, São Bento do Una, Bom Conselho, Pedra e Arcoverde.

O agreste pernambucano é inegavelmente uma subdivisão da caatinga, embora haja opiniões em contrário. Sua vegetação atende aos requisitos que caracterizam a caatinga, tais sejam, presença de espécies decíduas em grande número armadas de espinhos, e abundância de Cactáceas e Bromeliáceas. Além disso, muitas das espécies que vegetam no sertão estão igualmente presentes, em larga escala, no agreste.

No agreste a vegetação é em regra mais densa que a do sertão, o solo geralmente mais profundo e a pluviosidade mais regular e elevada.

Devido a uma maior densidade demográfica, a devastação das reservas arbóreas é mais intensa e vastas áreas existem atualmente, sem uma única árvore. Apenas algumas serras e brejos conservam um pouco da antiga cobertura.

Da flora do agreste destacam-se como mais características as seguintes espécies:

#### Palmae

*Syagrus coronata* (Mart.) Becc. – “ouricuri”.

#### Bromeliaceae

*Tillandsia usneoides* L. – “samambaia”.

*Tillandsia streptocarpa* Baker.

#### Leguminosae

*Cassia excelsa* Schrad – “canafistula”.

*Parkinsonia aculeata* L. – “turco”.

*Myroxylon peruiferum* L. f. – “bálsamo”.

*Poecilanthe falcata* (Vell.) Ducke. – “chorão”.

*Erythrina velutina* Willd. – “mulungu”.

*Zollernia ilicifolia* Vog. – “pau santo”.

#### Zigophyllaceae

*Kallstroemia tribuloides* Wight. & Arn. – “rabo de calango”.

#### Anacardiaceae

*Schinopsis brasiliensis* Engl. – “braúna”.

*Spondias tuberosa* Arruda. – “imbuzeiro”.

#### Rhamnaceae

*Ziziphus joazeiro* Mart. – “juazeiro”.



## Bignoniaceae

*Tabebuia caraiba* (Mart.) Bur. – “craibeira”.

O agreste pernambucano é a área de maior produção de cereais do Estado. A introdução da cultura mal orientada do agave tem colaborado para uma maior degradação do solo.

### b) Sertão

A subzona do sertão é bem maior que o agreste. Nessa subzona fazem-se sentir mais intensamente os efeitos das estiagens prolongadas.

O solo é mais raso, em média, que no agreste. As precipitações pluviométricas são mais irregulares, contrastando secas prolongadas com chuvas torrenciais efêmeras. Com um aspecto geral de peneplano, o sertão é pontilhado de serras graníticas. Ocorrem, além dessas, serras e chapadões considerados de origem cretácea. Nos limites com a Bahia, corre o São Francisco em sua calha que, há milênios, vem sendo escavada no granito. A depressão sanfranciscana é o trecho mais seco do sertão pernambucano, culminando no município de Belém do São Francisco (ex-Jatinã).

Essas variações acima referidas, determinam as subdivisões da subzona do sertão:

1) sertão central, constituído pelo peneplano com suas ondulações; 2) sertão dos chapadões areníticos, de solo arenoso profundo e vegetação típica; 3) sertão do São Francisco, formado pela faixa que acompanha esse rio, numa altitude inferior a 400 m, da qual se excetua a região seguinte; 4) sertão de Jatinã, que tem como centro o município de Belém do São Francisco; 5) sertão do Araripe, compreendendo as terras boas ao pé da serra do Araripe.

#### 1) Sertão central

Compreende esta região os municípios seguintes, ou partes deles: Bom Conselho, Garanhuns, Pedra, Arcoverde, Sertânia, Buique, Águas Belas, Inajá, Tacaratu, Custodia, Afogados da Ingazeira, Tabira, São José do Egito, Itapetim, Carnaíba, Flores, Triunfo, Serra Talhada, Petrolândia, Floresta, São José do Belmonte, Salgueiro, Belém do São Francisco, Serrita, Parnamirim, Cabrobó, Exu, Bodocó, Santa Maria da Bôa Vista, Ouricuri, Araripina e Petrolina.

A vegetação desta região é, no conjunto, arbórea, de pequeno porte. Há áreas, entretanto, em que pela precariedade do solo ou pela devastação feita pelo homem, reduz-se a arbustiva ou quase nula.

As espécies arbóreas caracterizam-se por cerne duríssimo, pelo que são geralmente empregadas para dormentes de estradas de ferro.

Da flora desta região destacam-se as seguintes espécies:

#### Bromeliaceae

*Bromelia laciniosa* Mart. – “macambira”.

*Neoglaziovia variegata* Mez. – “caroá”

#### Velloziaceae

*Vellozia* sp. – “canela de ema”.

#### Polygonaceae

*Triplaris pachau* Mart. – “pajeú”.

#### Capparidaceae

*Capparis jacobinae* Moric. – “icó preto”.

*Capparis yco* Mart. – “icó branco”.

#### Leguminosae

*Calliandra depauperata* Benth. – “carqueja”.

*Mimosa hostilis* Benth. – “jurema preta”.

*Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenan. – “anjico”.

*Cassia excelsa* Schrad. – “canafistula”.

*Caesalpinia pyramidalis* Tul. – “catingueira”.

*Torresea cearensis* Fr. Ali. – “imburana de cheiro”.

*Geoffraea spinosa* Jacq. – “marizeiro”.

#### Burseraceae

*Bursera leptophloeos* Mart. – “imburana de cambão”.

#### Euphorbiaceae

*Cnidoscolus phyllacanthus* (Muell. Arg.) Pax. & K. Hoffm. – “favela”.

#### Ancardiaceae

*Schnopsis brasiliensis* Engl. – “braúna”.

*Astronium urundeuva* Engl. – “aroeira”.

*Spondias tuberosa* Arruda. – “imbuzeiro”.

#### Celastraceae

*Maytenus rigida* Mart. – “bom nome”.

## Rhamnaceae

*Ziziphus joazeiro* Mart. – “juazeiro”.

## Cactaceae

*Cereus jamacaru* DC. – “mandacaru”.

*Pilocereus gounellei* Weber. – “xique-xique”.

## Sapotaceae

*Bumelia sartorum* Mart. – “quixabeira”.

## Apocynaceae

*Aspidosperma pyrifolium* Mart. – “pereiro”,

## Verbenaceae

*Vitex gardneriana* Schau. – “salgueiro”.

Abrangendo áreas de cotas mais baixas dos municípios de Taquaritinga do Norte, Santa Cruz do Capibaribe e Brejo da Madre de Deus, a sotavento do alinhamento de brejos de altitudes e infiltrando-se pelo agreste, ocorre uma disjunção do sertão central continuada ao Norte com o hiperxerófilo “cariri” paraibano.

## 2) Sertão dos chapadões areníticos

Essas vastas áreas de sedimentos, formando solos profundos, estendem-se por área dos seguintes municípios: Buique, Arcoverde, Inajá, Floresta, Tacaratu, Petrolândia, Custódia, Serra Talhada, Serrita, Exu, Bodocó, Ouricuri e Araripina.

A vegetação desta região varia de arbustiva a arbórea baixa. Dentre suas espécies distinguem-se as seguintes:

## Palmae

*Syagrus coronata* (Mart.) Decc. – “ouricuri”.

## Leguminosae

*Pityrocarpa obliqua* (Pers.) Brenan. – “quipembe”.

*Caesalpinia microphylla* Mart. – “catingueira rasteira”.

*Hymenaea courbaril* L. – “jatobá”.

*Poeppigia procera* Presl. var. *conferta* Benth. – “muquém”.

*Swartzia mollis* Benth.

*Derris araripensis* (Benth.)

*Cratylia mollis* Mart. – “camaratu”.

*Dalbergia cearensis* Ducke. – “violeta”.

## Cactaceae

*Pilocereus tuberculatus* Werd. – “caxacubri”.

*Cereus* sp. – “facheiro”.

Esta região é de um modo geral pouco produtiva. Excetua-se, porém, a chapada do Araripe, grande produtora de mandioca.

### 3) Sertão do São Francisco

Esta região se caracteriza mais pela fisionomia que mesmo pela variação das espécies, comparando-a com o sertão central.

A vegetação é mais escassa e de um modo geral mais baixa.

Algumas espécies ocorrem de preferência nesta região, dentre as quais se destacam:

## Palmae

*Copernicea cerifera* Mart. – “carnaubeira”.

## Leguminosae

*Pithecolobium multiflorum* (H. B. K.) Benth. – “canafístula”.

*Pithecolobium diversifolium* Benth. – “carcarazeiro”.

*Bauhinia heterandra* Benth. – “mororó”.

## Convolvulaceae

*Ipomoea fistulosa* Mart. – “mata cabra”.

### 4) Sertão de Jatinã

É, como referido anteriormente, a área mais pobre da caatinga.

Ocorrem, nesta região, as espécies da anterior, num porte mais reduzido e com a predominância de pereiro, faveleira e pinhão brabo – *Jatropha pohliana* Muell. Arg. Estas espécies ocorrem, geralmente, em pequenas moitas separadas entre si por áreas de solo mais ou menos desnudo. Sob os arbustos, o solo é frequentemente recoberto por *Opuntia inamoena* K. Schum. – “quipá” (Egler, 1951).

### 5) Sertão do Araripe

Distingue-se do sertão central por uma maior profundidade do solo, resultante do derrame de areia da chapada de Araripe. Entre as espécies características sobressaem-se a “burra leiteira” – *Sapium* sp. e as maniçobeiras – *Manihot* spp.

## ZONA DAS SAVANAS

Como nas demais savanas sulamericanas (“cerrados”, “cobertos”, etc.), a vegetação nesta zona se caracteriza por um manto herbáceo, com predominância de gramíneas, onde se intercalam arboretas tortuosas, de súber espesso e folhas mais ou menos coriáceas. Compreende duas subzonas: a) tabuleiros e b) agrestes do Araripe.

### a) Tabuleiros

Esta subzona tem sido sempre considerada como subdivisão da zona do litoral. Entretanto, sua situação afastada do mar, altitude variando entre os 100 e 150 m., e, sobretudo, sua fisionomia e composição florística, implicam na sua transferência para a zona das savanas.

A subzona dos tabuleiros ocorre ao norte de Pernambuco, em solos planos da formação barreiras, nos municípios de Goiana e També.

No município de Igarassu, áreas planas da mesma formação, embora apresentem, eventualmente, espécies típicas dos tabuleiros, não podem ser incluídos entre os tabuleiros verdadeiros, pela predominância, ali, de espécies de mata úmida. São essas áreas denominadas vulgarmente como “carrasco”. Resultam da degradação da mata primitiva, com a invasão de espécies do tabuleiro, mais adaptáveis às condições impróprias criadas pelo corte e queima da vegetação anterior. Dessa vegetação, alguns elementos mais resistentes conseguem permanecer. A nova associação é instável, tendendo para tabuleiros ou mata secundária, conforme seja a atuação do homem sobre ela.

A variação de vegetação tipo tabuleiro (cerrado) ou tipo mata, em solos aparentemente iguais, depende, ao que tudo indica, da drenagem dos mesmos. Localizam-se os tabuleiros onde, pela falta de drenagem, acumula-se água na estação chuvosa e pela natureza siliciosa do solo, ocorre dessecação excessiva na estação seca.

Onde a drenagem é favorecida por inclinações do terreno ou causas outras, localiza-se a mata.

Apenas os tabuleiros típicos são incluídos nesta subzona e destacam-se como suas principais espécies a seguintes:

### Polypodiaceae

*Pteridium aquilinum* (L.) Kuhn.

## Cyperaceae

*Bulbostylis paradoxa* (Spreng.) C. B. Clarke.

## Gramineae

*Echinoalaena inflexa* (Poir.) Chase.

*Eragrostis compacta* Steud.

*Panicum rostellatum* Trin.

## Amaryllidaceae

*Hippeasirum psittacinum* Herb. – “cebola cencém”.

## Burmanniaceae

*Burmannia capitala* Mart.

## Orchidaceae

*Catasetum macrocarpum* Rich.

*Epidendrum cinnabarinum* Salzm.

## Loranthaceae

*Psittacanthus dichrous* Mart. (parasitando *Anacardium occidentale*). – “enxêrto de passarinho”.

## Droseraceae

*Drosera sessilifolia* St. Hil.

## Leguminosae

*Apuleia leiocarpa* (Vog.) Macbr. – “jitaí”.

*Cassia appendiculata* Vog. var. *repanda* A. Lima.

*Cassia apoucouita* Aubl. – “coração de negro”.

*Krameria tomentosa* A. St. Hil – “carrapicho”.

*Harpalice brasiliana* Benth.

*Tephrosia leptostachya* DC.

*Stylosanthes guianensis* Sw. var. *gracilis* Vog.

*Hymenolobium alagoanum* Ducke.

*Andira laurifolia* Benth. – “angelim rasteiro”.

*Periandra mediterranea* (Vell.) Taub. – “alcaçus”.

*Eriosema simplicifolium* G. Don.

## Malpighiaceae

*Byrsonima cydoniaefolia* Juss. – “muricí do tabuleiro”.

## Polygalaceae

*Polygala longicaulis* H. B. K.

**Anacardiaceae**

*Anacardium occidentale* L. – “cajueiro”.

**Dilleniaceae**

*Curatella americana* L. – “lixreira” ou “cajueiro brabo”.

**Ochnaceae**

*Oualea* sp. – “batiputá”.

**Marcgraviaceae**

*Norantea brasiliensis* Choisy.

**Melastomaceae**

*Miconia ferruginata* DC. – “apaga fogo”.

**Labiatae**

*Hyptis fruticosa* Salz. – “alecrim do tabuleiro”.

**Bignoniaceae**

*Jacaranda heteroptila* Bur. & K. Schum.

**Compositae**

*Aspilia* sp. – “mal-me-quer”.

*Ichthyothere cunabi* Mart.

*Kanimia nitida* Baker.

*Vernonia remotiflora* Rich.

O tabuleiro, de um modo geral, é pouco produtivo. Pobre em madeiras e de solo fraco, tem sido utilizado quase que, apenas, para plantio de abacaxi. Iniciam-se agora plantios de maracujá e bananeiras. Solos semelhantes, em Alagoas, estão sendo usados, com adubação, no plantio da cana de açúcar.

**b) Agrestes do Araripe**

A vegetação é típica de cerrado e aí surgem, como mais características as seguintes espécies:

**Leguminosae**

*Plathymentia reticulata* Benth. – “amarelo”.

*Parkia platycephala* Benth. – “visgueiro do Araripe”.

*Dimorphandra gardnerina* Tul. – “faveira”.

*Copaifera langsdorffii* Desf. – “pau d’oleo”.

**Caryocaraceae**

*Caryocar coriaceum* Wittm. – “pequizeiro”.

**Anacardiaceae**

*Anacardium occidentale* L. – “cajueiro”.

**Apocynaceae**

*Hancornia speciosa* Gomez. – “mangabeira”.

Essa subzona pode ser aproveitada economicamente pela exploração do pequi, cajueiro e mangabeira, o que já é da cogitação do parque florestal do Araripe, na área cearense dessa serra.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE LIMA, D. A flora da praia de boa viagem. (1.<sup>a</sup> Contribuição). Boletim da S.A.I.C. XVIII:121–125. 1951. (Serviço de Divulgação Agrícola. Recife. Pernambuco)

ANDRADE LIMA, D. Contribution to the study of the flora of Pernambuco, Brazil. (Monografia 1). Recife. Universidade Rural de Pernambuco. 1954.

EGLER, W.A. Contribuição ao estudo da caatinga pernambucana. Revista Brasileira de Geografia XIII. 1951.

GALVÃO, S.V. Dicionário chorographico, histórico e estatístico de Pernambuco. (2.<sup>a</sup> ed.). v.2. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1921.

PETIT, G. In Pierre – P. Grassé traité de zoologie XVII: 984. Paris. Masson et Cie. 1955.

SAMPAIO, A.J. Fitogeografia do Brasil. (3.<sup>a</sup> ed.). São Paulo. Editora Nacional. 1945. (Coleção Brasileira. Série 5.<sup>a</sup>, vol. 35).

SETTE, H. Contribuição ao estudo das regiões naturais de Pernambuco. (Tese apresentada para concurso de provimento da cadeira de Geografia do Brasil, do Colégio Estadual de Pernambuco). 1946.

VASCONCELOS SOBRINHO, J. As regiões naturais de Pernambuco, o meio e a civilização. Recife. Instituto de Pesquisas Agronômicas. 1949. (Publ. n<sup>o</sup>2).

WILLIAMS, L.G. & BLOMQUIST, H.L. A collection of marine algae from Brazil. Bulletin Torrey Botany Club 74:383–397. 1947.